



FORMAÇÕES DISCURSIVAS ATRAVESSADAS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE O CORPO DE UM SUJEITO TRANSEXUAL

Arthur de Araújo Filgueiras¹
Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo²

RESUMO

A presente comunicação tem como objetivo geral analisar o movimento de embates entre as formações discursivas no dizer de um sujeito transexual sobre sua identidade de gênero no que se refere ao corpo. Como objetivo específico, busca-se investigar a produção de efeitos de sentido no processo de transição para a transexualidade, via procedimentos cirúrgicos. Para tais fins, a pesquisa tem como aporte teórico-metodológico a Análise de Discurso Francesa fundada por Michel Pêcheux a partir dos conceitos de formação discursiva, posição-sujeito, interdiscurso, além de noções psicanalíticas em torno do sujeito do inconsciente desenvolvidas por Jacques Lacan que tem implicações no processo de subjetivação do sujeito. Como trataremos de identidade de gênero, recorreremos também a teóricos como Berenice Bento e Judith Butler, que irão segmentar as análises dos relatos. A pesquisa, que se constitui em um estudo de caso, foi desenvolvida a partir de uma entrevista semiestruturada com um sujeito transexual, para posterior análise dos objetivos pretendidos. A partir das análises, observamos que a construção da identidade de gênero do sujeito trans ocorre em meio a sua subjetivação por ação da ideologia e do inconsciente em um processo de alteridade. Com isso, o corpo produz efeitos de sentido em meio a um discurso de resistência aos discursos hegemônicos preconceituosos, denunciando tentativas de silenciamento da existência de identidades que fissuram padrões de uma inteligibilidade cultural de gêneros.

Palavras-chave: Discurso, Corpo, Formação Discursiva, Transexualidade, Sujeito.

INTRODUÇÃO

Como já enunciou a feminista Simone de Beauvoir (1970), “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Parafrazeando-a, podemos também afirmar que “ninguém nasce homem, torna-se homem”, deslocando os sentidos de ambos enunciados sobre tornar-se homem ou tornar-se mulher para a esfera da identidade de gênero. Pessoas transexuais que são aquelas que podem apresentar uma incompatibilidade entre o sexo anatômico e o gênero (masculino ou feminino) que tentam lhe atribuir exclusivamente com justificativa em sua genitália.

A partir do exposto, acreditamos que a constituição da identidade de gênero de sujeitos transexuais pode ser perpassada por fatores como intervenções cirúrgicas que os levem a uma identificação com um gênero oposto. Tudo isso ocorre em meio a um processo de resistência à ideologia dominante que age na tentativa de anulação de sua subjetivação como

¹ Doutorando no Programa em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco- UNICAP, arthurfilgueiras@yahoo.com.br;

² Professor orientador: Doutora, Universidade Católica de Pernambuco- UNICAP, nadiaazevedo@gmail.com.



transgêneros, o que só reforça a importância do estudo da heterogeneidade discursiva e da alteridade nesse processo de construção identitária. O trabalho da ideologia será, nessas condições, de extrema relevância, visto que seu funcionamento não cessa, mesmo após o sujeito “achar” que já se encontra no estado desejado após determinadas intervenções cirúrgicas.

Vale destacar também a importância da análise dos processos de intervenções clínicas feitos no corpo que também produz efeitos de sentidos enquanto corpodiscurso e marca a posição-sujeito do sujeito como homem transexual. São intervenções cirúrgicas e tratamentos hormonais que podem evidenciar os apagamentos discursivos característicos de novos contextos discursivos quando o sujeito se inscreve em novas formações discursivas, o que é altamente relevante para se compreender suas demandas sociais ao passo que não encontra uma identificação com seu corpo biológico e sinaliza, com a negação de uma anatomia feminina, todo um processo de subjetivação que o identifica a uma nova identidade de gênero.

Com o exposto, o presente estudo de caso tem como objetivo geral analisar o movimento de embates entre as formações discursivas no dizer de um sujeito transexual sobre sua identidade de gênero no que se refere ao corpo. Como objetivo específico, busca-se investigar a produção de efeitos de sentido no processo de transição para a transexualidade, via procedimentos cirúrgicos. Para tais fins, a pesquisa tem como aporte teórico-metodológico a Análise de Discurso Francesa fundada por Michel Pêcheux a partir dos conceitos de formação discursiva, posição-sujeito, interdiscurso, além de noções psicanalíticas desenvolvidas por Jacques Lacan.

Com as análises, constatamos que o corpo do sujeito trans produz efeitos de sentidos a partir de sua inscrição em determinadas formações discursivas (FD), o que é resultado do trabalho da ideologia que atravessa seu discurso. Trata-se de um corpo que fissa os padrões binários e (d) enuncia a fragilidade de um sistema que tenta impor modelos sociais de corpos e de identidades de gênero com segmentação apenas no sexo de nascimento do sujeito.

METODOLOGIA

As análises discursivas terão como aporte teórico-metodológico a Análise de Discurso Francesa, considerando noções da psicanálise de Lacan e o fenômeno da alteridade. Trata-se, para Orlandi (2015), de uma ida e vinda entre teoria e procedimento analítico, o que também torna as análises, um espaço de desenvolvimento teórico.

Para a constituição do *corpus*, foi realizada uma entrevista semiestruturada com um homem transexual (maior de dezoito anos de idade e que chamaremos de Thammy para fins de preservação de sua identidade), que fora previamente submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Pernambuco. Ela foi gravada em vídeo para posterior transcrição literal. Tal transcrição seguiu como critério para recorte a sequência dos questionamentos apresentados sobre a importância de cirurgias de readequação de gênero, a representação dos seios, da menstruação, do pênis, da hormonização e ainda sobre um eventual fortalecimento do binarismo social com a construção de uma anatomia masculina. Para isso serão consideradas as condições de produção em que o discurso fora enunciado pelo sujeito, o funcionamento da ideologia na (re) significação de cada elemento analisado, sua inscrição em determinadas formações discursivas e as posições-sujeito que ocupa ao enunciar.

No cenário exposto, a análise buscará a compreensão dos efeitos de sentido que ecoam a partir da decisão de fazer intervenções cirúrgicas no corpo como forma de (re) adequação ao gênero. Trata-se de analisar o órgão genital como objeto simbólico na produção de efeitos de sentidos na constituição da identidade de gênero do sujeito trans. Para isso, recorreremos a noções psicanalíticas sobre as implicações de ter ou não ter o falo, em sua conjuntura com as noções de real, imaginário e simbólico que trabalham na subjetivação do indivíduo, além de noções ligadas ao inconsciente como o recalque. Será o momento de investigação do modo como o corpo (re) significa a / na constituição da identidade do sujeito transexual a partir de uma eventual necessidade de se submeter a procedimentos cirúrgicos e também de uma leitura do corpo como corpodiscurso, a ver o desejo de modificações que se situam além das genitálias. Trata-se, pois, da análise de um corpo que é desejante, que falha e que é constituído pela falta, daí recorreremos à noção de real do corpo com ancoragem em Ferreira (2013).

DESENVOLVIMENTO

Conceituado como efeito de sentido entre interlocutores para Michel Pêcheux (ORLANDI, 2015), o discurso a que nos ateremos em nossas análises está segmentado na Análise de Discurso Francesa (doravante AD). Fundada na tríade teórica Marx-Lacan-Saussure, a AD trabalha com um sujeito que é duplamente clivado: pela ideologia e pelo inconsciente, o que lhe atesta a condição de ser dividido e de ter a ilusão de autonomia sobre

seu dizer. É nessa perspectiva teórico-metodológica que iremos analisar o discurso do sujeito trans sobre o corpo.

Sobre o corpo enquanto discurso, Orlandi (2004) afirma que ele é portador de discursividade, já que é a partir da entrada do indivíduo no simbólico, mediante a linguagem, que ocorre seu processo de subjetivação. É nele, e através dele, que o indivíduo marca sua autoria e se distingue dos demais, afirmando ainda seu pertencimento a um grupo social. Ele representa também o local onde o não sentido faz sentido, o local onde o real da língua se materializa em meio a um sentimento de incompletude e de falta, como afirma Ferreira (2013). São mudanças que vão desde um simples corte de cabelo a alterações físicas mediante o uso de hormônios ou através de intervenções cirúrgicas, muitas vezes, irreversíveis. Nesse cenário, é bastante comum ouvir problemáticas de pessoas que afirmam ter uma alma incompatível com o corpo de nascimento, bem como outras que se encontram em conflito com sua própria identidade a ponto de viverem num constante fluxo identitário.

Butler (2017) trata dessa relação entre corpo e alma, sem necessariamente passar pelo discurso religioso, tomando de Foucault sua descrição, ao afirmar que a alma aprisiona o corpo. É a contrapartida que utiliza para argumentar contra os discursos pré-construídos que defendem que o sexo de nascimento deverá determinar o gênero e o respectivo papel social de cada sujeito com ancoragem no que chama de matriz de inteligibilidade cultural dos gêneros.

O processo de transição dos sujeitos transexuais encontra, nas formações discursivas, como descreve Orlandi (2015, p.42), sua caracterização por uma constituição contraditória, heterogênea e com fronteiras fluidas, “configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações”. Para Pêcheux ([1988] 2014, p.147), FD é “[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de lutas de classes, determina *o que pode e dever ser dito* [...]”. Nas análises, as FDs serão nomeadas a partir dos processos de identificação (quando o sujeito está inscrito em uma FD), contraidentificação (ele questiona os saberes dessa FD, mas ainda se mantém filiado a ela) e desidentificação (momento em que o sujeito abandona sua antiga FD e se inscreve em uma nova). É sobre esse processo de desidentificação que ele classifica o sujeito como “não-sujeito”, afirmando que o “trabalho desidentificador da ideologia [...] se desenvolve [...] através de novas identificações em que a interpretação funciona *às avessas*” (PÊCHEUX, [1988] 2014, p.248).

Há que se destacar os grandes debates entre os diversos profissionais que acompanham pessoas que se afirmam transexuais e, optam pela cirurgia de redesignação de gênero, sobre

os riscos da irreversibilidade dos resultados dos procedimentos cirúrgicos, o que pode levar, inclusive, alguns transexuais, a não optarem pelo procedimento. Há, ainda, aqueles que afirmam, na posição-sujeito transexual, que não precisam fazer a cirurgia por se sentirem sujeitos “plenos” com o corpo que tem. É nessas condições que tomamos de Orlandi (ORLANDI, 2015, p.47) a formulação do sujeito do discurso como “uma posição entre outras posições, dado o lugar que ocupa para ser sujeito do que diz” - o que o torna intercambiável em virtude da formação discursiva a qual está inscrito e que domina seu interdiscurso. Retomando Pêcheux, “a formação discursiva que veicula a forma-sujeito³ é a *formação discursiva dominante*, e que as formações discursivas que constituem o que chamamos de seu interdiscurso *determinam a formação discursiva dominante*” (PÊCHEUX, [1988] 2014, p.151).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vejamos os resultados e discussões a partir dos tópicos elencados como questionamentos na entrevista. O primeiro questionamento foi o seguinte: **O que representa a cirurgia de readequação de gênero? Você acredita ser importante fazê-la para se afirmar como homem trans? Vejamos a resposta:** “*Já foi. Um dia já fez sentido pra mim fazer a cirurgia. Hoje em dia não porque eu passei tanto tempo não me aceitando que eu parei e tentei me aceitar. Não que eu agora esteja me aceitando mas eu acho que 60% de aceitação já tem. [...] Às vezes eu fico frustrado de não ter o que eu gostaria de ter mas a cirurgia, pra mim, hoje não faz sentido*”

Aceitar que não é um homem biológico ainda representa uma dificuldade para Thammy. Esse conflito nos leva a observar os embates entre sua FD dominante – trans com os saberes de uma FD binária cisgênero. A afirmação de que sua auto aceitação tem aumentado, pode significar seu distanciamento dessa FD cisgênero e explicar sua falta de desejo em se submeter a determinados procedimentos cirúrgicos.

A ver a consideração seguinte sobre o planejamento de operar os seios, já inferimos que a cirurgia a que se refere Thammy é a de construção do órgão sexual masculino. Sua frustração reside, pois, na ausência do pênis e na não aceitação da vagina. A presença /

³ O termo forma-sujeito é trazido por Pêcheux na obra *Semântica e Discurso* a partir dos estudos de Althusser (2001, p.67): “Todo indivíduo humano, isto é, social, só pode ser agente de uma prática se se revestir da *forma sujeito*. A forma ‘sujeito de fato’, é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais”. É importante não confundir o conceito em questão com o termo “posição-sujeito”. Também chamado de sujeito discursivo, refere-se à posição social que o indivíduo ocupa na sociedade.

ausência de uma genitália é o que lhe torna incompleto. Sua identidade conflituosa é construída, conforme afirma Woodward (2014), pela diferença a outras identidades: ele é aquilo que os homens cisgêneros não são. Ele não tem aquilo que os homens cisgêneros têm e isso lhe causa bastante angústia ainda por estar inserido em práticas discursivas de uma sociedade heteronormatizada que é pautada em valores machistas e falocêntricos.

Sobre o significado da menstruação e dos seios femininos, Thammy afirmou o seguinte: *“Hoje em dia eu não menstruo mais por conta da hormonioterapia. Os seios ainda tenho. Acredito que vou fazer a cirurgia ainda esse ano. **Eu não tenho tanta disforia com os seios. Em algumas situações sim eu fico frustrado, sem querer sair de casa. Não é tanto como o órgão genital que é o que mais me incomoda. Em relação à menstruação, eu... eu tive a transição de um hormônio pra outro em que, nesse período de um mês, ela voltou [...]. E aí foi bem frustrante pra mim. Eu fiquei numa situação bem complicada: eu não queria sair de casa, não queria conversar com ninguém. Queria ficar só até isso terminar e eu voltar ao normal [...]. Querendo ou não, eu me senti menos homem. Ser homem não é o que a sociedade impõe, mas de tanto que a gente vive nesse meio, nesse quadrado onde as pessoas colocam coisas na nossa cabeça tem coisas que você não consegue tirar com tanta facilidade.[...] Acontece isso às vezes: de eu ser transfóbico comigo mesmo, de... me fazer questionamentos que não fazem sentido. Mas é uma coisa bem disfórica”***.

Os efeitos de sentido que são produzidos com o enunciado *“Queria ficar só até isso terminar e eu voltar ao normal* convergem para um processo de autocensura que o sujeito se submeteu por não aceitar ter que sangrar, isso porque a menstruação simboliza um retorno indesejado à feminilidade e denuncia sua disforia com a anatomia feminina: *Querendo ou não, eu me senti menos homem”*. Voltar ao normal pode significar um retorno à posição-sujeito homem que se encontrou fissurada com o sangramento, daí ter se sentido menos homem. Provavelmente, ele teve que usar absorventes durante esse período, o que simboliza todo um ritual reservado a sujeitos que se encontram na posição-sujeito mulher que menstrua.

Mesmo negando que ser homem não significa toda uma série de imposições sociais, ele reproduziu o discurso da FD binária transfóbica ao se censurar e negar sua masculinidade por ter menstruado, colando os sentidos, pelo contraditório, de que uma identidade masculina está atrelada ao fator organicista binário – homens têm pênis, não menstruam. Se mulheres têm ovários e menstruam, significa que ser homem é condição necessária para não menstruar. Thammy ter menstruado lhe coloca na população de sujeitos que não são homens e precisa dos cuidados e higiene que a sociedade customiza às mulheres.

Sobre os embates entre as FDs, observamos que nosso sujeito encontra-se identificado a uma FD binária trans, já que busca enquadrar seu corpo dentro dos padrões cisgêneros que definem as características anatômicas dos homens. Ao mesmo tempo, ele se encontra contraidentificado à FD binária transfóbica por seu seu corpodiscurso afetado por uma rejeição a elementos que marcam a anatomia feminina e que ele não consegue conviver com harmonia e simultaneamente se afirmar como homem trans. Esses elementos fragilizam sua percepção sobre sua identidade de gênero masculina, o que faz com que se adjective como transfóbico. Por ação do inconsciente, esse seu gesto nos permite inferir que ele ainda é afetado pela ideologia dominante da dicotomia dos gêneros, apesar de já estar sob seu funcionamento às avessas – identificado a uma FD trans.

Todo esse fenômeno discursivo e efeitos de sentido produzidos no/sobre o corpodiscurso de Thammy podem ser explicados, como afirma Orlandi (2016), pelo fato do corpo ser atado ao corpo social em um discurso social que já o significa, via memória discursiva, e isso ocorre sob uma ilusão de controle do sujeito sobre ele. Isso explica sua angustia quando afirma que as pessoas colocam coisas na sua cabeça e que ele se coloca em conflito por não conseguir controlar esses ideais que chama de transfóbicas.

Ainda sobre os seios femininos e a necessidade de operar, ele afirma que não se trata de uma necessidade de se afirmar, mas de: *“querer tirar uma camisa, de não gostar do que eu tô vendo no espelho, mas eu continuo sendo homem sem tirar...”*. Os sentidos sobre os seios femininos esbarram em uma disforia social que lhe acomete por não ter o corpo que gostaria de ter. O gesto de não poder tirar uma camisa é um entrave à vivência de uma masculinidade plena que ele tenta negar em seu intradiscurso. São as falhas vistas pelo espelho no corpo e que lhe causam um incômodo por não poder ser inserido em práticas discursivas legitimadas socialmente para homens:

De nada adianta negar, de nada adianta tentar tamponar essas falhas do corpo, que irrompem como sintomas sociais, como vestígios de historicidade. Assim como a língua não é um ritual sem falhas (como nos lembra Pêcheux), a ideologia também não o é e tampouco o corpo. Se os equívocos da língua irrompem no real da língua, e os equívocos historicizados se materializam na ideologia, podemos nos arriscar a dizer que o corpo seria o lugar de simbolização onde se marcaríamos os sintomas sociais e culturais desses equívocos – tanto os da língua quanto os da história (FERREIRA, 2013, p.78).

À errância dos sentidos e da falta que é constitutiva do sujeito, convergimos também para um real que é da ordem do corpo (FERREIRA, 2013) já que se trata de “um corpo atravessado de falhas, ou seja, submetido à irrupção interna da falta” (PÊCHEUX, [1982] 1998, p.54) e considerando ainda que “esse sujeito fura a língua porque os sentidos que se

inscreviam no discurso não podem significá-lo” (SOARES, 2017, p.209). Leia-se, aqui, o discurso cisnormativo sobre o corpo.

Vejamos a emergência desses sentidos quando questionamos nosso entrevistado sobre os órgãos sexuais masculinos: *“Pra mim, era um desejo de ter, não de ter pra mim, mas em mim. É... hoje eu sou meio frustrado relacionado ao pênis... é... que também não condiz com minha sexualidade. Então eu sou um homem pansexual, mas tenho alguns receios com relação ao genital, com o pênis, no caso. Eu acho que isso veio decorrente das figuras que eu tive em casa, dos homens... cis. Da ignorância, da falta de respeito com as mulheres... Então eu não só peguei a imagem masculina mas também a genital como uma coisa [...] que não me faz bem [...] Eu tenho um certo receio [...]. Eu me pergunto: mas seu eu tivesse, como seria? Eu seria igual a eles? [...]. É uma coisa bem louca na minha cabeça: às vezes eu rejeito, às vezes eu quero ter... Por isso que eu não gostaria de fazer, no caso, a cirurgia...”*

Thammy experimenta um conflito sobre ter ou não ter o órgão sexual masculino. Os efeitos de sentido que emergem da frustração de não ter o pênis residem na insegurança quanto ao seu desempenho sexual como homem pansexual: *“não condiz com minha sexualidade”*. Essa negativa, além de ferir sua masculinidade, também atesta uma tentativa de argumentar que o desejo de ter o pênis não é uma condição necessária para sua vida sexual enquanto homem pansexual, pois, como afirma Lacan “todo mundo sabe que há mulheres fálicas, e que a função fálica não impede os homens de serem homossexuais” (LACAN, 1972-1973/1985, p. 97). Com isso, nosso sujeito desvincula o papel do pênis para vivenciar o sexo com pessoas, independente do gênero com os quais elas venham a se identificar. Apesar dessa afirmação, Simões e Gonçalves (2018, p.15) afirmam que:

[...] a diversidade das performances de gênero [...] não se impõe sem estar submetida àquilo que se tem e àquilo que não se tem, seja no campo da sexualidade, do desejo ou do amor. E aquilo que se tem ou não se tem, bem como aquilo que faz aparência de se ter ou não, sempre passa pelo falo.

Dessa citação decorre também a justificativa de que os efeitos de sentido sobre seu corpodiscurso relacionam a presença do pênis a práticas discursivas machistas, sexistas e remetem a relações em que a mulher é colocada como inferior ao homem nos relacionamentos conjugais. Daí decorre o medo de ter o órgão sexual masculino e de reproduzir tais práticas que são socialmente legitimadas simplesmente pela presença do falo: *“às vezes eu rejeito, às vezes eu quero ter...”*.

O conflito sobre o pênis nos revela o sujeito dividido, constituído em uma relação de alteridade – interdiscurso e inconsciente – onde o Outro (inconsciente) é “camuflado” pela ilusão do sujeito que detêm autonomia sobre seu dizer a partir da marcação de seu discurso sob a forma da heterogeneidade mostrada. Nessa cisão, ele é desejanste,

[...] dividido entre o eu (moi) e aquilo que lhe escapa, entre o íntimo familiar e o estranho, entre a imagem de si e a imagem que o constitui vinda do outro. E para que esse campo do Outro tenha efeitos próprios de causa de desejo é necessário que o sujeito “admita”, responda a essa alteridade esvaziando o Outro de sua plenitude, de sua garantia de gozo. Nessa perspectiva, há duas dimensões de alteridade que se recobrem na constituição do sujeito: primeiramente uma alteridade prévia constituinte, dada pela estrutura *a priori* da linguagem. E secundariamente, trata-se de uma estrutura constituída, isto é, resposta do sujeito a partir desse Outro constituinte. Nesse segundo tempo, *a posteriori*, cabe ao sujeito construir o Outro, inventá-lo para que ele, o sujeito, possa se tornar desejanste e responsável diante daquilo que lhe causou (FREIRE, 2002, p.85).

Nesse contexto, a imagem que Thammy constrói de si é fruto da alteridade com a representação simbólica da masculinidade de seu pai e de seu irmão – “o outro” que é do interdiscurso e que ele tem a ilusão de controle sobre a negativa de ter o pênis para não reproduzir as práticas machistas de tais familiares: “*mas seu eu tivesse, como seria? Eu seria igual a eles?*” Eles simbolizam e também trabalham na construção do “Outro” que lhe é constitutivo (ação do inconsciente e da ideologia), resultado da ação dos AIE (mediantes relações de poder) e aquilo que acreditamos ser também um Aparelho repressor do Estado, pois suas práticas sexistas representam uma forma de agressão verbal que sempre reprimiram e buscavam regular a identidade de gênero de nosso sujeito dentro do enquadramento binário cisgênero.

Sobre o processo de hormonização para a readequação de gênero, nosso sujeito afirma o seguinte: “*pra mim, Thammy, foi essencial, mas existem homens trans que não usam testosterona e eles se sentem confortáveis tanto com o seio como com a genital... quanto com os traços, né? que continuam sendo o padrão feminino [...]. Já comigo não funcionaria. Eu não conseguiria seguir sem hormônio. Quando passa um mês eu já fico perturbado*”. Tal enunciado nos permite inferir que ele se encontra inscrito em uma FD binária trans. A hormonização é o processo que legitima sua posição-sujeito enquanto homem e sua identidade de gênero masculina fora do padrão dito feminino. Daí afirmar: “*Eu nunca gostei das curvas que eu tinha*”. Logo, manter o tratamento é uma condição necessária para que essas curvas não retornem. Trata-se, conforme Bento (2006, p.19), de “corpos inconclusos, desfeitos e refeitos, arquivos de história de exclusão”.

Na sequência, questionamos Thammy sobre acreditar se essa preocupação com procedimentos médicos para a manutenção de uma aparência masculina não corroborariam para o fortalecimento do binarismo social. A resposta foi a seguinte: *“Então... pra mim, a mudança não foi pra entrar num padrão ou [...] pra ter passabilidade pras pessoas não reconhecerem que é uma pessoa trans, mas sim uma questão pessoal. [...] Eu não gostava... eu não achava bonito em mim. Era uma coisa que eu ficava meio desconcertado. Eu não sabia se eu tava no lugar certo. Tinha alguma coisa errada ali. Mais... quando a gente passa por um certo tempo tomando hormônio, a gente acaba se enquadrando, querendo ou não, por mais que a gente não queira estar ali, mas a gente fica porque acontece a passabilidade porque ninguém vai perceber então você vai ser tratado como tal. Dependendo da tal passabilidade, tu não vai sofrer transfobia na rua. De certa forma, a gente chega sem querer.*

A passabilidade é uma consequência da hormonização e com ela, o sujeito acaba sendo tratado como cisgênero, um desejo que é aparentemente negado por nosso sujeito *“por mais que a gente não queira estar ali, mas a gente fica”*. Os efeitos de sentido desse enunciado revelam ainda sua postura enquanto sujeito trans militante que não busca a passabilidade social, apesar de acabar se beneficiando disso: *“tu não vai sofrer transfobia na rua”*, o que pode denunciar um desejo do inconsciente de ser passável.

O corpo trans emerge em meio a efeitos de sentido daquilo que seria um erro, uma falha e uma incerteza sobre a forma física que melhor se adequasse a sua construção identitária: *“eu ficava meio desconcertado. Eu não sabia se eu tava no lugar certo. Tinha alguma coisa errada ali”*. Trata-se, como afirma Cavalcante (2018, p.74), de “um corpo que produz sentidos em uma determinada conjuntura, os quais não correspondem aos sentidos já estabilizados em uma sociedade cisnormativa” e, como afirma Ferreira (2013, p.78), é ainda o corpo da falta e que se submete à falha:

O corpo entraria no dispositivo como constructo teórico e lugar de inscrição do sujeito. Esse corpo que fala seria também o corpo que falta, donde a inclusão da noção de real do corpo, ao lado do real da língua e do real do sujeito. A exemplo do que singulariza o registro do real, o real do corpo seria o que sempre falta, o que retorna, o que resiste a ser simbolizado, o impossível que sem cessar subsiste.

Disso decorre o conflito apresentado por ele em não querer ser passável, mas que, simultaneamente, acaba fortalecendo o binarismo social que legitima apenas corpos de homens e de mulheres cisgêneros. Aqueles que se situarem à margem disso, precisam ser excluídos ou então se adequar, por meio da Ciência, para que possam ser agradáveis aos olhos

dicotômicos que os veem. Para nosso convidado, a hormonização representa esse caminho que justifica ser de ordem pessoal e não de imposição social, todavia sua afirmação de que o tratamento lhe é indispensável pode apresentar como efeito de sentido uma condição para que se signifique como transexual:

Esse processo de hormonização, o qual minimizaria ou apagaria os signos daquele gênero imposto socialmente ao nascer, é uma demanda do outro que, muitas vezes, só legítima como sujeitos trans, aqueles que fizeram a redesignação sexual e estão se hormonizando. Assim funciona a ideologia sobre os corpos, afirmando que apenas certas características corpóreas pertencem a tipos específicos de gêneros, reforçando, assim, o binarismo (CAVALCANTE, 2018, p.77).

Consequentemente, pelo viés do inconsciente, Thammy, tem sua FD dominante invadida por saberes da FD binária cisgênero de modo a buscar a adequação de seu corpo – curvas, traços, seios, pelos no rosto - a uma estabilidade de sentidos que recaem sobre corpos cis masculinos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises, observamos que a construção da identidade de gênero de sujeitos transexuais ocorre em meio a sua subjetivação por ação da ideologia e do inconsciente em um processo de alteridade. Nele, há um fluxo de embates entre formações discursivas que marcam a posição-sujeito ocupada por eles em meio à produção de efeitos de sentido não desejados pela ideologia dominante binária. Com isso, corpo produz efeitos de sentido em meio a um discurso de resistência aos discursos hegemônicos preconceituosos, denunciando tentativas de silenciamento da existência de identidades que fissuram padrões de uma inteligibilidade cultural de gêneros.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Resposta a John Louis/Elementos de Autocrítica / Sustentação de Tese em Amiens*. Rio de Janeiro, Graal, 2001.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Fatos e Mitos (Vol. 1). 4.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BENTO, B. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. 13.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CAVALCANTE, A. *Resistência e corpo trans: linguagem, sentidos, subjetivação*. Anais do IX SAPPIL – Estudos de Linguagem, UFF, no 1, 2018. p.74-82. Disponível em: <<http://www.anaisdosappil.uff.br/index.php/IXSAPPILing/article/download/910/593>>. Acesso em: 1 mar. 2019.

FERREIRA, M. C. L. (2013). *O corpo como materialidade discursiva*. Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, p. 77-82, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/redisco/article/viewFile/1996/1723>>. Acesso em: 9 mar. 2019.

FREIRE, A. B.. *A constituição do sujeito e a alteridade: considerações sobre a psicose e o autismo*. Estilos da Clínica, 2002, Vol. VII, nº 13, 78-91. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v7n13/06.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2019.

LACAN, J. *Mais, ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Zahar, 1985. (O seminário, 20).

ORLANDI, E.P. *Cidade dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2004.

_____. *Princípios e procedimentos*. 12. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

_____. *Discurso em Análise: Sujeito, Sentido, Ideologia*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

PÊCHEUX, M. (1982). *Sobre a (des)construção das teorias linguísticas*. Cadernos de Tradução, Porto Alegre: UFRGS, n. 4, 2ª ed., out. 1998. p. 35-55.

_____. (1988). *Semântica e Discurso*. Uma crítica à afirmação do óbvio. Coordenação da tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. 5.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. 288 p.

SIMÕES, A.; GONÇALVES, Gesianni Amaral Gonçalves. *Labirintos da sexualidade: convergências e dissonâncias entre e a psicanálise e a teoria Queer na atualidade*. Ágora (Rio de Janeiro) v. XXI n. 1 jan/abr 2018 12-22. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/agora/v21n1/1809-4414-agora-21-01-12.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

SOARES, A. *Sem corpo, sem língua, num entrelugar: sobre os sujeitos transexuais na mídia*. In: FLORES, G. et.al. (orgs.). *Análise de discurso em rede: cultura e mídia*. V.3. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

WOODWARD, K. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, T.T (org) et. al. *Identidade e diferença*. A perspectiva dos estudos culturais. 15.ed. Petrópoles, RJ: Vozes, 2014.